

agosto de 2025 - número 44

bulunga

A REVISTA QUE NINGUÉM LÊ



neste número, uma entrevista
com um representante do movimento

sem-teto

EDITORIAL

Tem gente apavorada correndo para retirar dinheiro dos bancos. Um homem entrou na agência com um saco de pano, entregou para o caixa, que o encheu com todas as cédulas que estavam na gaveta e o devolveu ao homem. Ele saiu tranquilamente pela porta giratória, mas só mais tarde se deu conta de que nem era cliente daquele banco. E o caixa continuou lá, boquiaberto.

Está tudo muito esquisito, não se pode negar, e o melhor que você pode fazer neste momento é se abstrair, assistindo os episódios do Chaves que estão na Netflix e no Prime, tema de um artigo desta edição, que vem logo após a eletrizante entrevista com um membro do "Movimento Sem Teto", mas você não pode perder, pois, se der bobeira, poderá ser a próxima vítima de espertalhões, que em muitos casos TEM TETO, mas nenhuma vergonha na cara, e estão fazendo as suas investidas pelo Brasil afora.

Bulunga entrevista um representante do Movimento

SEM-TETO

Ele não vê objeção em sair metendo os pés nas portas de casas e apartamentos desocupados nas principais Capitais do país, tendo preferência por imóveis de maior valor aquisitivo, sempre na companhia de gente que não é morador de rua, mas ligada a movimentos estudantis, sindicatos e grupos defensores da diversidade, não sendo raro visualizar, entre esses ativistas, elementos fantasiados de cavalos, gatos, cachorros e até renas.

Seu objetivo é tornar-se cada vez mais conhecido entre as camadas mais carentes, para candidatar-se a Presidente da República. Vamos ver se a sua estratégia vai funcionar.

BULUNGA - Você nunca foi pego pensando que "esta casa não é minha e não é meu este lugar"?

SEM-TETO - Isto é um trecho da letra de uma música de Fernando Brant, cantada por Milton Nascimento. Jeito poético de iniciar uma entrevista.

BULUNGA - Obrigado! E você tem uma boa memória. Mas não se incomoda com o fato de tomar posse de algo que não lhe pertence?

SEM-TETO - Nós não somos donos de nada neste mundo. Nem da nossa cueca. Você está assim, de bobeira, andando pelas ruas e de repente vem no sentido oposto um cara andando de patins e "rááááá": leva a nossa cueca embora.

BULUNGA - Bela ilustração...

SEM-TETO - Sem-teto também é cultura e entretenimento.

BULUNGA - Sempre pensei que "Sem-Teto" era sinônimo de mendigo. Mas vejo que você

tem formação...

SEM-TETO – Sou formado em Filosofia... com pós em política internacional

BULUNGA – Mas com essa formação, como acabou se tornando um "sem-teto"? Ficou desempregado? Sua família não lhe deu um suporte?

SEM-TETO – Foi por opção. Meus pais eram servidores públicos e tinham uma boa condição de vida. Resolvi sair de casa e abrir mão de tudo pelos meus ideais.

BULUNGA – Seus ideais eram o ócio e a vagabundagem...

SEM-TETO – Pense como quiser. Alguém precisa abraçar uma ideologia política. Essa passou a ser a minha função nesta sociedade.

BULUNGA – Isso significa que eu trabalho duro, pago uma pancada de impostos para sustentar gente como você.

SEM-TETO – O nome disso é JUSTIÇA SOCIAL.

BULUNGA - Ah, vá se lascar...

SEM-TETO - Veja a quantidade absurda de imóveis vazios enquanto grande parte da população não tem onde morar. Tudo fruto da especulação imobiliária. É um absurdo!

BULUNGA - Mas são conquistas individuais, e temos apenas que apurar se a origem é lícita. Se não for, concordo que esses imóveis devam ser destinados à moradia da população carente.

SEM-TETO - Cada um tem direito a ter a sua casa. Uma só. Mais do que isso é exagero. É por isso que a maioria da população não tem onde morar. E alugar imóveis deveria ser proibido.

BULUNGA - Todas as pessoas poderiam ter o seu imóvel, mas o governo inibe a iniciativa privada, com uma cobrança absurda de impostos...

SEM-TETO - ... para sustentar uma população carente.

BULUNGA - Mas essa população carente deixaria de ser carente se o governo permitisse que andasse com as próprias pernas. De acordo com esse mesmo governo, quando as pessoas melhoram de vida, deixam de votar nele.

SEM-TETO - Fato. É é nessa hora que entra o capitalismo, para abafar o socialismo e continuar com a exploração dos mais pobres.

BULUNGA - O capitalismo dá a oportunidade para que os mais esforçados deixem a pobreza. É claro que nem todos conseguirão virar patrões, e muitos se tornarão empregados, mas o que o governo deve fazer é atuar como um órgão regulador, de forma a não permitir uma exploração exagerada, em condições próximas à escravidão.

SEM-TETO - Isto é pura UTOPIA.

BULUNGA - Você nunca pensou na hipótese de trabalhar pesado para obter suas conquistas, uma família, casa própria, móveis,

eletrodomésticos, quem sabe um carro?

SEM-TETO - Esse é o modelo de família que está falido: papai, mamãe e filhinhos. A decadência da sociedade nos forçou a adotar alternativas, e os conservadores não aceitam isso. Além do mais, o governo pode me garantir tudo o que preciso, de graça.

BULUNGA - Esse "novo modelo" poderá colocar em risco de extinção da raça humana, pois inibirá a procriação. Mas isso pode ser até bom, pois em pouco tempo acabará com os sem-teto e os socialistas, por falta de "cruzamento". Será um alívio...

SEM-TETO - Você pode ser processado pelo que disse...

BULUNGA - Você mencionou, minutos atrás, que havia acabado de invadir um prédio de apartamentos. Centenas de famílias se instalaram lá. Então agora vocês não podem mais ser classificados como "sem teto", não é mesmo?

SEM-TETO - Em termos: precisamos fazer novas conquistas.

BULUNGA - Mas essa não seria a base do capitalismo? Acumulação de patrimônio...

SEM-TETO - Hoje existe um Capitalismo de Estado, controlado de longe pelo governo, como ocorre na China.

BULUNGA - Que promove o crescimento às custas de mão de obra escrava...

SEM-TETO - Eles tem outra cultura. Não podemos condená-los por isso.

BULUNGA - Uma cultura que admite a escravidão. Que legal!

SEM-TETO - Ai, como você é burro...

BULUNGA - Deixe-me adivinhar: essa frase é do Caetano Veloso! O que anunciava que "é proibido proibir". Mas que hoje é a favor da censura.

SEM-TETO - Ah, estou vendo que você guarda algum resquício de cultura...

BULUNGA - Era ele que cantava "go looking

for flying saucers in the sky", vendo ET's com muita maconha na cabeça.

SEM-TETO – A maconha é libertadora!

BULUNGA – A maconha promove o tráfico. Ou seria o contrário?

SEM-TETO – Por isso é preciso descriminalizar. Liberar geral.

BULUNGA – E ficar uma população inteira com o rabo cheio de maconha, em seus imóveis invadidos, recebendo cotas de ração do governo. Mas até quando? Uma hora esta festa acaba.

SEM-TETO – Existe muito dinheiro no mundo acumulado pelos bilionários. Temos que gastar esse dinheiro.

BULUNGA – Você é um gênio: merece os meus aplausos.

SEM-TETO – Obrigado! E por falar nisso, você possui mais de um imóvel?

LÁ VEM O CHAVES, CHAVES, CHAVES...



Roberto Bolaños era um gênio. Inventou uma fórmula simples para fazer um sucesso estrondoso que talvez nem imaginasse que aconteceria, utilizando adultos para fazer o papel de crianças, artifício que vários outros já haviam utilizado, sem maiores novidades. "El Chavo del Ocho" ou Chavez, como ficou conhecido no Brasil, foi criado no México, a partir de 1972, e foi concebido para ser uma esquete do programa

"Chespirito", depois de Bolaños experimentar diversos outros quadros, sendo que alguns deles já contavam com a participação de Rúben Aguirre (Professor Girafales) e Ramón Valdez (Seu Madruga).

Tudo acontecia em uma pequena vila de propriedade do Seu Barriga, onde moravam Seu Madruga e sua filha Chiquinha (Maria Antonieta Neves), Dona Florinda (Florinda Meza) e seu filho Quico (Carlos Villagrán),



Dona Clotilde - a Bruxa do 71 (Angelina Fernández) e, finalmente, Chaves, que vez ou outra se esconde em um barril. A Vila também é frequentada pelo Seu Barriga (Edgar Viver) e Professor Girafales (Rúben Aguirre), eterno namorado de Florinda, além de um ou

outro participante ocasional, como Jaiminho, Dona Edwiges, Glória e sua sobrinha Paty, Pópis (interpretada por Florinda Meza) e Nhonho (intepretado por Edgar Vivar).

Muitos ainda perguntam a razão do título "El Chavo del Ocho", mas a explicação é simples, segundo o próprio Bolaños: "Chavo" significa "moleque", e o número 8 tanto tinha a ver com a exibição no Canal 8, com a idade Chaves, que teria 8 anos, assim como o fato de que ele morava na casa nº 8 (que nunca aparecia).





Em termos de preferência do público, Quico, Seu Madruga e Chiquinha eram os que mais agradavam, sendo que Chaves acabava ficando como coadjuvante, e era para ser assim mesmo, pois ele funcionava como um autêntico "escada", termo bastante conhecido no universo humorístico. O "escada" é aquele que é abusado, enganado, trapaceado pelos mais "engraçadinhos", ações que quase sempre ficavam sob o comando de Chiquinha e Quico. Mas isso deve ter despertado ciúmes com relação aos companheiros, principalmente após a interferência de Florinda Meza, com quem se casou, e que passou a palpar sobre todos os aspectos do seriado, tendo sido, possivelmente, a responsável pela divisão do grupo e pela saída de Quico e Seu Madruga, e Chiquinha.

Os episódios eram independentes, e contavam com uma série de bordões que ficaram famosos como "foi sem querer querendo" (Chaves), "ninguém tem paciência comigo" (Chaves), "venha, Tesouro, não se misture com essa gentinha" (Florinda), "gentalha, gentinha, gentinha" (Quico), "tá, tá, tá, táááá, tá" (Girafales) e "isso, isso, isso, isso" (Chaves). E as trapalhadas sempre acabavam em tapas, socos, beliscões, chutes nas nádegas, entre outros, as mesmas coisas que já faziam "Os Três Patetas", "O Gordo e o Magro", entre outros, sem maiores traumas para as gerações posteriores. Se o programa fosse concebido nos tempos atuais, certamente, seria



cancelado, pois nele havia muito bullying, as tais agressões, segregação sócio-econômica, gordofobia, etarismo, além da ausência de negros, chineses e representantes do movimento LGBTQIA*etc. no elenco, elementos obrigatórios em todas as produções audiovisuais da atualidade.

A pior parte do seriado aconteceu quando Bolaños, para cobrir a saída dos mais famosos do elenco, criou um restaurante para a Dona Florinda, e os episódios não conseguiam agradar ao público. Ramón Valdez chegou a retornar ao programa, após uma longa ausência, mas ficou por menos de um ano, pois não conseguia se entender com Florinda, que queria assumir todos os detalhes da atração.



Chiquinha

Maus e os ilegíveis

Jorge F. Isah

Tenho vários parentes e amigos que não gostam de livros. E não gostam porque a leitura é algo chato. Então, os livros são chatos. Silogismo à parte, seja irregular, regular ou outro qualquer, revela o quanto ler está fora de moda. Até mesmo aqueles que reputam o hábito da leitura necessário e proveitoso não leem. Conheço universitários que concluíram seus cursos e não se esquivaram de afirmar jamais terem lido nada além de trechos dos vários tratados e manuais e artigos e teses, e apenas esporadicamente. E se orgulham da façanha, balançando o diploma no ar. É mais uma vitória do jeitinho brasileiro, aquele capaz de desplugar qualquer possibilidade de luz enquanto se aventura a lutar junto às trevas.

Ao meu jeito, tento estimular um e outro, aqui e acolá, a desenvolver algum tipo de leitura, desde crianças e adolescentes até adultos e anciões. Mas, convenhamos, é uma tarefa árdua, dada a concorrência dos TikToks da vida.

Bem, tentei uma última cartada com um associado. Pensei: "é bem possível que a pessoa se interesse, já que tem desenhos e a história se desenvolve também por imagens, não apenas textos". Pareceu-me brilhante. Depois da compra, falei com os meus botões: "talvez o meu consumismo tivesse me enganado e, assim, ao invés de comprar o livro para presente, estava pondo mais um exemplar na minha estante, já que as chances de sucesso não eram muitas, talvez uns 20%".

Quando chegou, corri, e, após um breve discurso, mostrei-lhe o exemplar: "Maus", de Art Spiegelman.

— O que é isso?! — disse entre surpreso e quase indignado — Pensei que fosse um par de meias ou o retrato emoldurado da vovó...

— Veja bem, pegue, vamos... tem muitos desenhos... é uma história em quadrinhos e os textos são poucos... você vai gostar... anda, pega!

Fez cara de nojo, como se estivesse a colocar melecão ou santinho de candidato na mão. Relutante, recebeu o livro. E balançou-o.

— Puxa, como é pesado!... Não, não quero. Vou acabar tendo bursite ou tendinite.

A verdade é que deixei a Graphic Novel e esperei alguns dias.

Na véspera do fim de semana, cheguei em casa e "Maus" estava sobre a mesa, com a mensagem: "Tentei, mas não deu.". Peguei o volume, estava intacto, como se nunca fora manuseado. Não vou dizer que não fiquei decepcionado. Mesmo com as chances mínimas, não esperava fracassar.

Sentei-me desolado, o exemplar à frente, o símbolo da derrocada da civilização. Nada me tirava da cabeça que, em breve, os homens estariam gruindo pelas ruas e a lambuzar as paredes com os seus excrementos... Ops! Isso já não era novidade... Os sinais, aterradores. E Darwin estava completamente equivocado, ao menos quanto à humanidade: em franca involução.

Abri o livro e comecei a ler. Não parei até a última página. A história era, à primeira vista, sobre nazistas, judeus e o holocausto. Era mais que uma denúncia. A história também tratava do relacionamento entre pai e filho, Vladek e Art, e sobre o próprio livro. Veio-me a parábola do Filho Pródigo; o que era mais curiosidade em saber sobre a mãe, Anja, suicida quando Art tinha

20 anos, transformou-se em admiração e respeito pelo pai, mesmo com todos os impulsos mesquinhos e avaros. Era também uma história de amor entre Vladek e Anja, que não se extinguiu mesmo entre os horrores. Era a história de perdas, e não foram poucas, e, após décadas, ganhou contornos de vitória. Seja nos campos de concentração, nas vilas e cidades, no pós-guerra, ou depois, quando até mesmo as memórias se desarraigavam.

Quantas pessoas se beneficiariam do livro, caso se dispusessem a dedicar algumas horas? Quanto se pode ganhar? Conhecer? Entender?

Não sou afeito a HQ's. Em décadas, esse foi o primeiro. Havia um preconceito de não se fazer boa literatura a partir de quadrinhos. Porém, agora, reconheço: a ignorância em conhecer o gênero e manter-me distante foi a razão verdadeira. E assim como posso me privar de outras experiências, sendo um leitor usual, imagino os que se abstêm por completo.

Não sei se farei a resenha de "Maus"; talvez sim, talvez não... Mas já não é mais por preconceito ou por desconhecimento. A pergunta é: alguém lerá? Como o

Fábio Ribas certa vez me disse: "se você não fizer, quem o fará?".

Então, farei e não farei... continuarei a tentar, e ler, e escrever... Porque alguém só pode falar daquilo que o coração está cheio¹, e o meu transborda palavras.

¹Paráfrase ao que Jesus disse em Mateus 12:34 e Lucas 6:45.

Jorge F. Isah é Jornalista, editor e escritor. Autor de "A Bula do Placebo", entre outros livros, todos disponíveis na "amazon.com".
jorgefisah@gmail.com



plantão policial

UM ROMANCE CAPITALISTA

Michel Salomão

Arnaldo conheceu Jurema em uma parada de ônibus. Era daquelas com cobertura de acrílico transparente, mas que fica preta com o tempo, por falta de limpeza, além de cinco assentos de aço, quase sempre ocupados por aposentados, e então começou a chover. Devia ter umas doze ou mais pessoas que tiveram que se espremer para evitar se molharem do tronco para cima, porque os pés e as pernas ficaram fatalmente encharcados.

Não fosse a diferença de altura entre Arnaldo e Jurema, ficariam cara a cara, mas ela acabou se ajeitando no peito peludo do rapaz, que estava com a camisa aberta até o terceiro botão e, por sorte, havia se lembrado de usar um perfume naquele dia. Ela percebeu o constrangimento dele, e até brincou: "tá cheiroso". Ele riu, imaginando que aquela entraria facilmente para a sua "coleção". Mas Jurema não era uma garota ingênua, e estava atenta para fisgar o seu

melhor "peixe", sendo que aquele se mostrava um belo exemplar: trabalhador, vaidoso, ambicioso; só faltava acertar as rédeas para conduzi-lo rumo aos seus objetivos matrimoniais.

Trocaram os números dos telefones, conversaram todas as noites antes de dormirem e, depois de dois anos, se casaram no civil, numa cerimônia simples, sem direito a convidados, pois não teriam dinheiro para oferecer um único bombom com um cartão minúsculo com os nomes dos noivos escritos em tinta dourada, na saída da igreja.

Arnaldo evoluiu na vida, com a ajuda de sua empreendedora Jurema, montando uma pequena mercearia que se transformou em supermercado, em hipermercado até se tornar uma poderosa rede, com filiais em vários estados, tudo isso num intervalo de 30 anos, trabalhando 16 horas por dia, sem direito a férias.

Tiveram cinco filhos, todos bonitos, que não se pareciam nem com o pai nem com a mãe, o que deu margem a comentários de parentes, de que teriam sido trocados intencionalmente na maternidade, mas independente dessas maledicências eles se formaram,

se deram bem nas suas profissões, se casaram, tiveram filhos, até que um dia Arnaldo apareceu morto, com um tiro na testa, no escritório do prédio-sede da empresa.

Descartaram suicídio, pois a sua arma estava na gaveta, intacta, nenhum cartucho deflagrado, e não havia resquícios de pólvora em suas mãos, além do ângulo da entrada da bala e da provável posição em que se encontrava o autor e distância em que a arma foi acionada, concluíram os peritos.

Poderíamos realizar uma retrospectiva para saber como era a vida de Arnaldo, sobre a sua determinação para ganhar dinheiro, sobre fatos do seu casamento, sobre a sua esposa, filhos, se tinha amantes, empregados ou fornecedores insatisfeitos, mas isso demandaria muito tempo, e considerando que isto é uma ficção, onde o autor pode inventar o que bem entender, apenas preocupado em cumprir o fiel compromisso com o editor de preencher não mais do que três laudas, e assim vamos pular essa parte e dizer que ele foi morto por um adolescente infrator. Interrogado o meliante, ele confessou que estaria ligado a movimentos de esquerda, que pegou o

revólver do pai operário e resolveu ele mesmo combater a seu modo o capitalismo, tendo escolhido aquela empresa, e por consequência o seu dono, onde havia tentado uma vaga de aprendiz, mas não conseguiu ser aprovado porque possuía passagens pelo juizado por pequenos delitos praticados na cidade, e assim decidiu descarregar sua revolta invejosa e inútil contra aquele homem gordo, de faces coradas, sentado em sua confortável cadeira por trás da divisória de vidro.

Michel Salomão é jornalista, escritor, ator, autor e diretor teatral videomaker, cartunista, roteirista e nas horas vagas faz umas pizzas legais.
mxelbh@gmail.com



A *Optica Metrôpole*
está de **casa nova!**

NOVO ENDEREÇO
Shopping 5ª Avenida
RUA ALAGOAS, 1314, LOJA 20B SAVASSI

ESTACIONAMENTO GRATUITO RUA ALAGOAS, 1188
TELEFONE (31) 3226.3212 | WHATSAPP (31) 994621522



SPOILERS

A CURA



Não fico garimpando filmes ruins para assistir. Na maioria das vezes, escolho um ou outro aleatoriamente, imaginando que podem ser bons, mas logo percebo que entrei numa furada, e nessas ocasiões insisto em seguir até o fim, só para ter material para esta coluna. Às vezes, o filme começa muito bem, a trama é interessante, o elenco é bom, a fotografia é excelente, mas uma surpresinha nos espera da metade para o final. É o caso de "A CURA", com direção de Gore Verbinski.

Nas cenas iniciais, o filme promete: um ambicioso operador da Bolsa de Valores, Lockhart (Dani Dehaan) é flagrado pela direção da empresa em que trabalha fazendo algumas mutretas, mas, para se salvar, é incumbido pela diretoria também envolvida com diversas maracutaías, da missão de trazer de volta a Nova York um dos principais acionistas, chamado Pembroke (Harry Groener), que está refugiado em uma clínica de repouso nos alpes suíços, pois só ele conseguirá encobrir as sujeiras praticadas por essa diretoria. Está bem, já dava para desconfiar da fragilidade do roteiro, mas não me julguem por não ter parado neste ponto.



Os cenários são deslumbrantes, e logo aparece o castelo, suntuoso, e daí em diante vão acontecendo uma série de incidentes, o que nos leva a pensar em uma trama envolvendo o Diretor, Dr. Heinrich Volmer (Jason Isaacs) e a equipe da instituição, que possivelmente, estaria ali para subtraírem as fortunas dos bilionários hóspedes da casa de repouso.

Existia uma história de que o lugar pertencia a um barão, que era obcecado com a ideia de se casar com a própria irmã, e que utilizaria experiências pouco convencionais com os camponeses da região para deles extrair um "elixir" da longevidade. Revoltada, a população incendeia o castelo, mata a irmã do barão (ele sofre sérias queimaduras) e retira o bebê de seu útero, jogando-o nas águas...

O espectador é levado a acreditar que o diretor da mansão quer levar adiante as experiências do barão, que "cria" uma menina bocuda e esquisita, Hannah Von Reichmerl (Mia Goth), que não tem sobrancelhas, e que anda solta pelos cenários, inclusive, arriscando cair de muros altos, sem que ninguém se incomode com ela.

É obvio que o rapaz ambicioso se interessa pela garota esquisita, mas esqueci de dizer o mais importante, e que talvez nem seja tão importante assim: nesse intervalo, ele consegue falar com o misterioso acionista, que hora aparece vivo, hora aparece morto, e nesse ponto a gente começa a ter a certeza de que a coisa está ficando embaçada.

O rapaz havia tentado sair do lugar, mas o motorista do carro que o levaria a uma cidadezinha próxima tem um grave acidente, o rapaz perde a consciência e é trazido ao castelo, iniciando um tratamento com as águas do local, sem precisar pagar absolutamente nada.



Do acidente, só restou uma perna quebrada, que ao final do filme ele entende que não estava quebrada coisíssima nenhuma, e entre os tratamentos esquisitos a que é submetido está a introdução de uma espécie de sanguessugas gigantes por um tubo que vai direto ao seu estômago, e em seguida ele aparece meio doidão, mas depois volta ao normal, fica doido de novo, começa a investigar os segredos daquele lugar, recebe ajuda de pacientes, eles aparecem mortos, depois vivos e mortos de novo: uma bagunça sem precedentes.

Ao final, o tal diretor do castelo é mesmo o barão, que sobreviveu ao incêndio, e que a menina é a filha dele que sobreviveu nas águas, isso depois de 200 anos, mas agora ele quer se casar com ela, à força, e é claro que Lockart não permite.





Para piorar, em uma das cenas finais, o diretor da casa de malucos arranca com as mãos o próprio rosto e por baixo da pele aparece a sua cara toda deformada pelo fogo, desenhando para o público que o sujeito era mesmo o barão.

Os dois lutam, mas o barão é quase um Superman, e estava para matar o rapaz, até que a própria filha dá-lhe uma machadada na cabeça.

O castelo pega fogo, os clientes malucos começam a dançar uma valsa, enquanto os escombros caem sobre eles, e Lockart e a menina esquisita que agora a gente sabe que tem 200 anos vai embora com ele de bicicleta. Foi duro chegar até o final.

SÍSIFO E AFRODITE, OU A FÁBULA DO AMOR LÍQUIDO

Sammis Reachers

Na fábula, dez anos após Zeus ter punido Sísifo com a missão de rolar eternamente a enorme rocha montanha acima, apenas para vê-la despencar do alto e ter que recomeçar a movê-la, Afrodite, entre curiosa e apaixonada (e não é a paixão uma curiosidade exacerbada e mórbida?) disfarçou-se de humana e, escondida de seu pai Zeus, veio ter com o herói ou derrotado ladrão dos falsos deuses.

– Homem de grande força, gostaria de ter alguém para lhe acariciar nesta noite, revigorando sua masculinidade enquanto você rola esta enorme pedra? – perguntou, lânguida, a deusa vestida em tênues trajes.

– ... Não, minha bela jovem. Posso empurrar esta pedra por toda a eternidade, se assim for necessário. Mas confesso que gostaria de ter alguém, alguém que permanecesse para além de uma noite, e se assentasse sob aquele pé de zimbro e dissesse, de quando em vez, com um sorriso terno: "Você está indo bem, e eu estou aqui contigo. Continue."

Conta Homero ou Plutarco ou Borges ou mesmo Bolaño (pois a lenda perdeu-se como a memória dos deuses quedos), que a deusa dúbia, sonsa e fulminante, incapaz de constância, ou de oferecer TÃO POUCO, transmutou-se à sua forma célica e, contrafeita e incendiada, tornou ao Olimpo, o Olimpo dos frios vencedores.

Sammis Reachers é escritor,
poeta e editor.
sreachers@gmail.com





coluna do

ClodoKill

Fernandes

Cemitério da Alegria

Estes dias, o frio tem sido incômodo. Quase não faço outra coisa a não ser colocar meias, agasalhos, luvas e toucas enquanto preparo garrafadas de chás de todos os tipos, alguns nem sei se são chás. Já fiz com cebola, alho, açafrão, capim-cidreira, casca de maçã, hortelã, e quase tudo que se possa ferver. Por outro lado, também ando a tomar café além da conta, para ver se me mantenho desperto, entre um cochilo e outro na cadeira.

Quando jovem, o frio era algo ansiado, quase um fetiche. Usar jaqueta ou casaco era coisa de um, dois, talvez três vezes no ano. Hoje, décadas depois, os suores são gélidos e os arrepios acontecem não por causa de impulsos hormonais, mas friorentos mesmo.

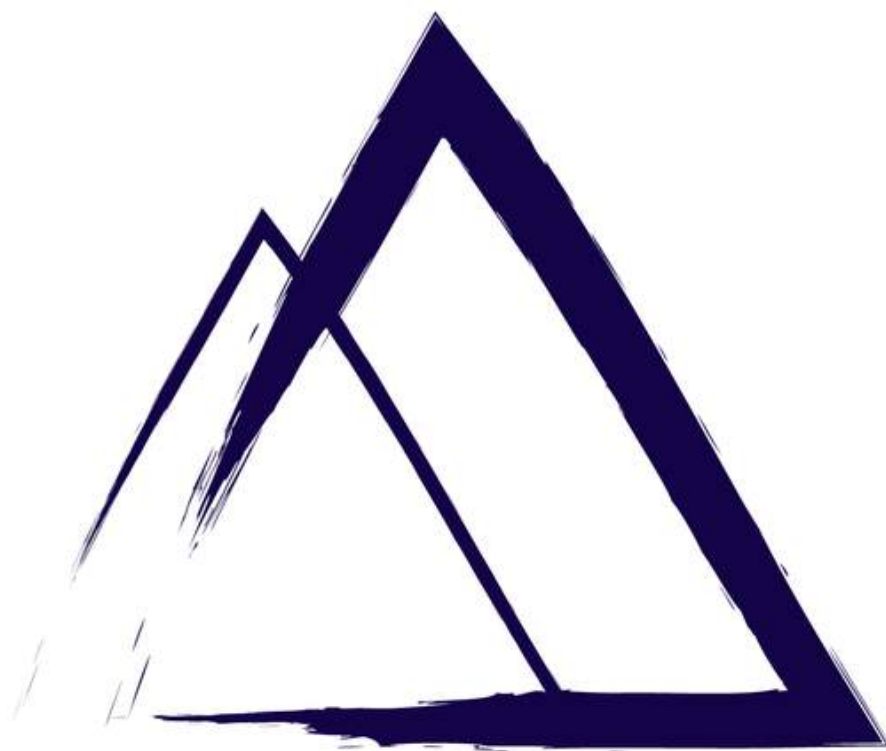
No passado, durante o verão, tinha de enrolar os pés em toalhas úmidas (às vezes ensopadas) para dormir, já que o calor não dava trégua. Ultimamente, duas meias e dois edredons não são suficientes. E mesmo com a casa fechada, as frestas vedadas, sempre tem uma corrente saindo não sei de onde para me lembrar que "não há nada que não possa piorar".

Velho tem prurido, pigarro, tosse seca, calvície, dentes amarelos, apneia, ronca feito porco e ainda aquela flatulência indecorosa, tipo uma orquestra ábsona, capaz de acordar os cães da vizinhança. Alguns chegam a ganir por compaixão; e, se houvesse como, tapariam os ouvidos.

Contudo, ser estranho e cometer gafes, o fará apenas excêntrico. Quando louco, alguém apelará à senilidade. Pode arrancar gargalhadas se bêbado ou pelado, e ainda haverá os compassivos, mesmo que o sacana aja de caso pensado. Pode mexer com aquela mulher que tem idade para ser filha ou neta e não causará comoção; a menos que seja rico, e elas se estapearão por ele. No fundo, se nada funcionar, pode chamá-lo de retrógrado ou antiquado, gagá, matusalém, ou simplesmente ignorá-lo.

Esta lengalenga começou com o frio e, cá entre nós, o termômetro marca nove graus, os gatos já começam a subir no telhado, e não posso ligar o aquecedor elétrico porque, raio, um blecaute começou ontem e ainda não terminou.

De tudo, sempre dá para tirar algo de bom; e este texto é a prova viva de que, até mesmo o apagão perde a luz, mas não o brilho.



INTERNÚCLEO

CONSERVADORA E ADMINISTRADORA

(31) 33748115 ou 98403-2524 (WhatsApp)

O velho e a praia

Jorge F. Isah



ParTe XIX

– Foi o que ela me disse.

– Sério?! Não dá para acreditar... Deve ser trote ou piada, só pode ser.

Antenor estava atônito. Não podia crer, sequer imaginar, pessoas do seu círculo se rebaixarem a tanto... Ele mesmo não era nenhum santo. Já havia comprovado o quanto era capaz de se subjugar pelo desejo desenfreado, pelo egoísmo ostensivo, a frieza moral e o pouco caso com as pessoas, até mesmo as mais íntimas e que considerava amá-las. O amor-próprio caprichoso e irracional era doentio, não tinha limites e satisfazia-se a si mesmo muito mais do que o prazer supostamente auferido ao seu detentor; quase sempre pedante e individualista, um vício deformado e astênico. Conseguia ver, em si e no passado, o quão desarranjadas estavam suas emoções e sentimentos; a necessidade de preencher lacunas com algo exaurido e a esvaziá-lo ainda mais. É inimaginável erguer alicerces apenas com vácuo. Nada se sustenta e nada se organiza. É o caos no caos, um enorme oco destituído de significado e a sugar energia, alma e espírito. Ao final, não se tem nada, e sobra uma vaga sensação

que precisa ser novamente sentida, na ideia de a repetição aplacar as frustrações, imperfeições e medos. E não se percebe, via de regra, a fragmentar a personalidade e dilatar, e distorcer, cada vez mais o senso de realidade e proporcionalidade. As pessoas se tornam meros objetos a se jogar de lá para cá e de cá para lá, sem intuito, cujo alvo não fortuitamente está a esmo, mas é o tiro no próprio pé. Esses sentimentos o deixavam triste e pesaroso, ainda que, vez ou outra, tivesse impulsos de produzi-los e os produzia.

— Ela própria confirmou, assim meio que na lata!... Sem pudor, como se fosse a coisa mais natural do mundo.

— Ah, este mundo está perdido — Não soube mais o que dizer. Sentiu-se realmente abatido e desiludido com as pessoas em geral. E sempre que isso acontecia, uma ira, talvez mais nervoso que raiva, tomava e o deixava frio, uma espécie de escudo a todos os ataques recebidos. Assim, podia encurtar a história, dar um basta, e não prolongar a sensação de incômodo, de uma melancolia a afundar na alma.

— Que se virem para lá! Eles que são brancos que se entendam — Era um vaticínio, mais da boca para fora, mas o suficiente para não se envolver no imbróglio.

Porém, Lurdinha tinha de falar, descrever, ponderar, e, mesmo sendo sangue do seu sangue, nada a impediria de ajuizar a parentela naquilo em que eles escapavam do senso de escrúpulo e princípio. Fingiu não perceber o ponto final que o marido queria dar ao assunto, pois sabia que era mais autoproteção, o que não tolhia a curiosidade. Ele ouviria, mesmo aparentando impaciência e pouco caso. Sabia como conduzir ambos.

— Queria se separar porque já estava tendo um caso com um colega do trabalho...

Esperou a pergunta que não veio. Antenor estava acabrunhado.

— Disse que até então não tiveram nada, mas não dá para acreditar... O rapaz estava em processo de divórcio, segundo ela, tinha dois filhos e a mulher ficaria com a casa e uma boa pensão... O fato de ele estar se separando e dela querer a mesma coisa aproximou os dois e a coisa desandou de vez.

Fixou as vistas, mas a fisionomia prostrada fê-la seguir.

— Então, anteontem, o Lothar foi trabalhar... ia ter uma reunião importante na empresa... ele ia apresentar um projeto para os clientes e era algo que

poderia dar uma promoção na carreira... Quando estava arrumando as coisas sobre a mesa do escritório, descobriu que esquecera o notebook com o projeto em casa...

Ainda o silêncio do outro lado.

– Pensou em usar o celular, mas como havia chegado muito cedo e a reunião se daria dali a duas horas, resolveu voltar e pegar o notebook. Sentia-se mais seguro com ele, já que era hábito utilizá-lo durante as apresentações. E foi o que fez... Sem contar que a distância de casa não era muita, apenas alguns quilômetros.

– Ela estava com o amante na própria casa?... Sério?! Por fim, o marido se manifestou.

– Sim. Ele a pegou na cama com o dito cujo. Ele estava no mesmo lado em que habitualmente o Lothar dormia, fazendo as vezes de marido.

– E o que ele fez?

– Quando viu que havia barulho no quarto, pegou o celular e começou a filmar tudo... Teve muito sangue frio...

– Sim. Não sei se eu teria esse autocontrole... Mas ele fez o certo.

– Conversei com a Verônica, e ela disse que tanto ela como ele permaneceram calmos. Quem ficou feito

barata tonta foi o amante, o tal de Leon, colega de trabalho dela... ela riu quando disse que ele pulou da cama e já caiu metido no tênis e a catar a roupa espalhada no chão... deve ter pensado que o celular era um revólver e coisa e tal...

— E ela não falou mais nada?

Lurdinha balançou a cabeça em sinal de indecisão. Mas, pensou, quem está na chuva é pra se molhar.

— Me falou na cara dura que não se arrepende de nada. Que se pudesse, faria tudo de novo.

— Vagabunda... Se ao menos tivesse feito isso em outro lugar, mas em casa, na cama do marido, ah, isso não se faz... e ainda debocha da situação... Nunca imaginei que ela chegasse a tanto... Sempre falei com você que ela não era boa bisco, mas a fazer isso, nem nos meus pesadelos eu imaginaria.

— Nem eu. Sabia que era doidinha, mas descarada assim, e justo com o Lothar... ele é tão gente boa e sempre cuidou tão bem dela.

— Muitas mulheres não gostam de ser bem tratadas, preferem os pilantras. É meio que uma conjunção de almas turvas. Dizem que os contrários se atraem, mas a verdade é que os iguais buscam no outro o que está sobrando em si mesmos...

- De que raios está falando?...
- Ah, bem, deixa pra lá! Só pensando alto.
- Então, diminui o volume, por favor.

Dias depois, Lurdinha, após uma das várias conversas ao telefone, foi ter com o marido no escritório. Ele estava às voltas com a biografia de Dostoievski, um calhamaço de mais de mil páginas, absorto e a se transpor para a Rússia do século 19.

– Não sabe da última... – ela abriu a porta de supetão, entrou e sentou-se ao lado da mesa, de tal forma que a concentração de Antenor se esvaiu por completo. Chegou a tomar um susto.

– Que isto, mulher! Não vê que estou lendo?

Fingiu não ouvir os apelos, e continuou de onde parara.

– Eles não vão se separar. – O alvoroço era desmedido para a maioria, mas para ela algo natural, conveniente. Fazia parte, e não haveria a menor chance de, mesmo com o tempo, e ele já tivera todas as ocasiões, ela perder traço tão distinto de caráter.

– Quem?! – Óbvio saber de quem se tratava e do que se tratava, mas quis se fazer de difícil, de alguém não preparado à interrupção e em momento ainda menos propício. Agia com desinteresse, como se nunca sou-

besse de nada, apenas para dar trabalho e irritar um pouco a interlocutora, o que, diga-se, não acontecia. O ímpeto da mulher em falar, em abrir-se, suplantava um eventual constrangimento; quanto mais rápido derrubasse a artimanha do marido, mais rápido também avançaria e o desdém acabaria. Era igual a domesticar cachorro, tirar-lhe a atenção com um tapinha, um esbarrão, e fazê-lo ver aquilo que deve ver e se concentrar. Para ela, Antenor era um animalzinho de estimação, bravo às vezes, retraído em outras, ensimesmado boa parte do tempo, mas nada que um cutucão não resolvesse... às vezes, falhava, mas essas coisas rígidas sempre têm um ponto frouxo e vulnerável.

– Não se faça de égua, sabe de quem estou falando!

– Sei? Humm... – Fez menção de voltar ao livro.

– Conversamos sobre eles não tem uma semana. Você sabe muito bem o que é.

Sim, era verdade. Depois de revelar a traição de Veronica, não se falou de mais nada. Entre ela e os irmãos. Entre ela e os sobrinhos. Entre ela e os filhos. Entre as amigas. E até com Antenor. Ele ouvia tudo em conta-gotas, ajuntava e ordenava os relatos a fim

de estabelecer uma linha do tempo. Era algo que a sua mente analítica estava treinada, e o objetivo era prever os eventos futuros. Nela, ele imaginou possíveis duas hipóteses: a primeira, o marido pedir o divórcio, pelo flagrante do adultério. A segunda, ela pedir o divórcio, alegando sabe-se lá o quê. Mas a reconciliação não estava nos prognósticos elencados.

— Ah, sim, me lembrei, da Veronica... — Fez-se de distraído que distraidamente recordava algo que não esquecera, mas queria demonstrar esquecimento.

— Você e seus joguinhos... — Sabia muito bem como o marido agia e, depois de décadas, não dava mais para ele utilizar os ardis para afastá-la ou fugir do assunto. Ela não era de desistir, e, afinal, o que poderia importar mais do que os seus problemas? Não seria um defunto eslavo de mais de cem anos a estragar os seus planos.

— Você e esse russo parecem almas penadas neste escritório... É de quem você mais fala, até parece coisa de doido!... É o russo pra cá, o russo pra lá, eu li o último livro do russo... sabe o que ele disse?... Como se o homem estivesse vivo e vocês conversassem o tempo todo.

— Você não entende, mulher! Ele está vivo, se não em carne e osso, nas coisas que escreveu. E isso o torna mais vivo do que a maioria dos zumbis que andam por aí, na terra.

— Não entendo mesmo, você está certo. Gosto de gente de verdade, que dá para conversar, rir, chorar, tocar... Esse negócio de reviver as pessoas pelo que falaram ou fizeram é coisa de museu. E não gosto de museu — mais do que rejeitar, era demonstrar segurança e decisão, ainda que não passasse de rompante.

Antenor ouviu e quis rebater, mas achou por bem largar para lá. Não ia adiantar nada. Ficariam em círculos defendendo os seus pontos, até um perder a cabeça, xingar e gritar um retumbante "fodas!". Se ele concordava em alguma medida com ela, e ele gostava das pessoas, não de forma geral, mas algumas delas, ao contrário, ela sequer fazia esforço para entender o seu ponto. Via-o como bobagem, coisa de quem não tem o que fazer ou vive do passado. Não era exclusividade dela. Muitos do seu círculo também se preocupavam apenas com as trivialidades, o comer, beber, vestir, se divertir. Se tivessem isso, estariam satisfeitos mesmo que lhes

fosse dado puxar uma carroça. E ainda levar uns chicotes no lombo... Cada vez mais, o espaço para refletir diminuía, nas próprias pessoas. Era difícil se ter uma conversa além do imediatismo, e era substituído quase instantaneamente por outro imediatismo, que se ligava a outro e outro, num encadeamento sem sentido, com o propósito de apenas saber algo e esquecê-lo em seguida, e assim um ouvir, ler, ver, irrefletido, tal qual uma tela em branco jamais preenchida, salpicada por manchinhas aqui e acolá, dispersas e aleatórias... Antenor não se considerava um gênio ou mesmo inteligente. Sabia muito bem que a inteligência vai muito além de diplomas, cursos, estudos e conhecimento. Ela se concentra muito mais em como utilizar essas ferramentas em proveito próprio e para os outros. Conhecia pessoas que tinham uma profusão intensa de cursos, informações e conhecimento e de nada serviam para elas. Eram apenas caixas de arquivos ou drives de memória onde se armazenavam mais para satisfazer a vaidade do que surtir incrementos e benefícios para eles e pessoas ao redor. Antenor se considerava um homem esforçado, dedicado, e o afinco tinha por fim tornar-se alguém melhor e mais

capacitado a ajudar os outros em suas dificuldades, muitas delas sequer conseguia detectar. Infelizmente, as novas gerações e até mesmo a sua se especializaram no pedantismo e empáfia, de se considerarem autossuficientes, e não eram dadas a ouvir quem quer que fosse, além da própria voz... Lurdinha, via de regra, agia assim também, mas dava o braço a torcer quando se via acuada, com algo que a reatividade e impulso não eram capazes de solucionar. E ele fazia questão de, sempre quando fosse o caso, não se imiscuir de lembrá-la.

— Ela me mandou a foto do amante, quer ver?

— Eu?! Por que ia querer?... Não quero nem saber — fechou o livro e deu, por hora, encerrada a leitura. Não sem antes colocar o marcador na página interrompida.

— Veja... Feio, né!

Abriu o celular e havia a imagem de um homem pardo, dos seus quarenta e poucos anos, barba por fazer, aquela barba espaçada, rala, mais parecida com sujeira. O sorriso meio forçado revelava dentes amarelados, sulcos definidos e pés de galinha nos olhos. Era comum, de aparência comum, não propriamente feio ou bonito, chocho. Ares de sem

graça... e ainda por cima tinha uma tatuagem ininteligível no lado esquerdo do pescoço, a descer provavelmente pelo ombro (não dava para ver sob a camisa), braço e antebraço até alcançar a mão. Uma mancha preta, a torná-lo ainda mais comum em seu encardido.

– Vai ver, deve ter alguma virtude, além da figura banal... Nós também somos simples, mas entre virtudes e defeitos, acho que a balança está a favor do positivo. Vai ver, é assim com ele também.

Encarou-o.

– Acha?!

– Por que, não?

– Não sei... Ela não soube dizer nada de bom dele, a não ser que estava disponível e deu em cima dela.

– A Veronica não é capaz de reconhecer um anjo, caso visse um. Ela é a pessoa mais artificial que conheço. Tudo é bibelôs, poses e não-me-toques.

Balançou a cabeça.

– É verdade... Mesmo assim, como foi capaz de trair o Lothar com um cara assim?

– Ah, já conversamos sobre isso, e eu lhe disse o que penso. Tem gente que não se conforma com nada, e está disposta a pular da escada só para ver se quebra

as pernas. E depois que consegue, chora porque quebrou.

Olhou novamente a foto do intruso e guardou o celular no bolso.

— Ela não está nem aí! Para ela, tudo foi normal, porque tinha de acontecer. Chegou a dizer: "eu precisava experimentar. Me sentir desejada, viva de novo". Vê se tem cabimento?

— E o que respondeu?

— Que ela deveria se portar como mulher casada, e não como uma vadia qualquer.

— E...

— Disse que eu era velha, não entendia disso, e não sabia o que ela passava com o Lothar... "Mas ele carrega água na peneira para você. O que mais você quer?", falei com ela. E ela veio com a mesma resposta de antes: "Me sentir viva, de que posso atrair a atenção de outros homens e ser desejada. O Ló não pode mais me dar isso."... "Você teme a Deus, certo?"... "Claro que sim."... "Acha que ele está contente com tudo isso?"... Ficou em silêncio, depois, me saiu com esta: "Deus é amor! Ele compreende."...

"Compreende, é? Quem você ama afinal? O Lothar ou o outro?"... "Os dois. Tem bastante lugar no coração

para eles e mais outros, se eu quiser."

— Cínica!

— É, foi o que pensei... aquilo me deixou fula da vida! Então, falei antes de desligar: "Você devia ter vergonha na cara!"

— Fez bem...

Lurdinha não tinha papas na língua. Falava, como dizem, na lata. Normalmente, a primeira coisa que vinha à mente. Antenor utilizava ironias e sarcasmos para tirá-la do conforto. Nesses casos, ela não sabia como responder. A deixavam desnorteada, pensativa, muda. Foi assim que Antenor aprendeu o jeito de lidar com a sua descortesia. Não que ela fosse mal-educada. Não era isso. Lurdinha era uma mulher de trato amigável, divertida e animada. Mas tinha o gene de falar o que pensava, e isso, na maioria das vezes, é visto como grosseria. Como já disse, ela era reagente e afoita. Não fazia por mal; apenas o jeito de lidar com os problemas, e mesmo quando não havia um. Não raro, magoava alguém, irritava outro, e embaraçava alguns. Nem se dava conta do feito e do desgosto alheio. Antenor precisava, às vezes, alertá-la:

— Fulano ficou chateado com o que disse.

– Sério! Não falei por mal...

– Eu sei, mas ele não. Você tem de pensar antes de dizer o que vem à cabeça. As pessoas andam melindradas demais, hoje.

– Sim... Eu não tomo jeito mesmo.

– Agora, já era! Esquece. Não dá para remediar. É tomar cuidado no futuro.

Ela se animou:

– Achou mesmo que fui bem?

– Claro. A Verônica precisava ouvir a verdade. A atitude dela não é somente irresponsável mas desumana e altamente tóxica para a relação, inclusive para o filho. Já imaginou se eles separam? O menino será criado sem pai e com um homem diferente em casa o tempo todo.

Houve silêncio.

– Acha que ela teria coragem de levar amantes para casa?

– Mulher, pensa direito! – E bateu duas, três vezes, na testa – Ela já fez isso!

MEMÓRIAS

Rosemare Gomes

Paixão está muito quietinha hoje. Deve estar aprontado na escola... será que ela ainda está dando trabalho lá? (mamãe pensando com os botões dela). Se estivesse acontecendo, a professora já teria mandado um bilhete. Vou até lá no quintal para ver essa história. A Paixão é assim: quando ela quer saber alguma coisa, não dá sossego a ninguém. Pode ser a mim ou ao pai. Pergunta até esquentar a cabeça.

Mamãe, de repente, aparece e grita às minhas costas:

– Paixão!

– Ai, que susto, mamãe!!

Ela gargalha! Quase perde o fôlego de tanto rir.

– Você está muito quieta hoje... Mexe com umas folhas no pé de laranja capeta, olha para o pé de abacate... procura as galinhas com o olhar pelo terreiro... como se me desse tempo para responder, para dar uma boa resposta, convincente e sem rodeios.

E completa:

– O que é dessa vez?

– Ah... Nada, mamãe! Não posso ficar quieta? Não

estava pensando em nada... Hoje, minha mente está vazia... eu gosto disso, de não pensar em nada... do nada, sempre aparece alguma coisa na cabeça...

– Não é na cabeça, Paixão! É na mente!

– Mas, mamãe, não é bom ficar no silêncio?... não pensar em nada?... a gente tem de ficar pensando o tempo todo?

– Realmente, Paixão, às vezes eu gostaria também de ser assim. Um dia eu também fui assim, alguns momentos para não pensar em nada, mas logo vinha a lembrança dos afazeres e dos problemas da vida.

Minha mãe está fazendo o mesmo que eu estou fazendo hoje. Perguntas e respostas parecidas. Como coisas que já vivemos e voltamos a viver.

E enquanto punha às vezes a mão na testa, espalhando o suor e procurando uma sombra de um galho sobre a cabeça, prosseguiu:

– Vai ter dias que você vai querer ficar sozinha em um canto, sem conversar e sem ouvir ninguém falando, não por estar triste ou com algum problema... só ficar sozinha com você mesma, e não poderá por causa da agitação da vida.

E, após um segundo ou dois, continuou:

– As escolhas que fazemos devoram esse silêncio, e

então a mente não para de pensar... nas coisas que terão solução e as que não terão jeito mesmo. Então, a mente não para de pensar.

Enquanto falava, dava uns passos para frente, punha uma das mãos na cintura e batia a poeira à frente do vestido, bem na direção da barriga. E prosseguiu:

– Então, para driblar a mente, a gente arruma outras coisas para fazer, lembra de outra, anda pela casa, vai, volta, vai ao portão, volta e fica nessa movimentação... Bem, Paixão, vou te deixar aí mais um pouco. Aproveite esse silêncio e essa paz.

As galinhas, ora bicavam o chão, ora pareciam parar com os pescoços esticados a olhar para nós duas como se entendessem o assunto. Calmamente, e quase em silêncio, sacudiam as asas junto ao corpo. Com bicos às vezes abertos, víamos as suas linguinhas como a degustar o ar fresco do quintal à sombra das plantas, e com cheiro de terra.

– Obrigado, mamãe!

Foi a primeira vez, ou talvez a única (vou tentar me lembrar de mais alguma), em que ela fez isso... Lembrei-me, hoje.

Foi emocionante e adorável.





REPÓRTER RISO

Jorge F. Isah

- DEUSES RECICLÁVEIS -

Chega! Não suporto mais! Cansei de política, eleitores, candidatos e suas diatribes. O próprio capeta deve se sentir constrangido diante dos tapas, gritos, insultos e burrice dos políticos e sectários. Não dá para suportar, em sã consciência, quinze segundos da cantilena de governistas, oposicionistas, congressistas e assembleianos. Para piorar, os juízes se meteram onde não deviam, e como a minha avó dizia: "a emenda saiu pior do que o soneto". É um fes-

tival de horrores, o "Lolapalooza dos Infernos"!

Ouvi um estudioso dizer: cinco minutos de notícias ruins, tipo aquele telejornal ou noticiário radiofônico, jogam o nosso sistema imunológico por terra; são seis horas à mercê dos inimigos. Imagina se entupir de lixo horas a fio, com o falatório errático e picareta do seu político de estimação, e pior, dos porta-vozes midiáticos. É por essas e outras que não tem "Vitamina D" que "dê" conta.

O povo anda triste, desanimado, quando se anima é para xingar ou ofender. Nisso, somos experts. Já não bastam os insultos proferidos em palanques, púlpitos, mesas-redondas, nossos pares aceitaram a missão de dividir para não somar, e somar para dividir, se é que me entende; porque não sei o que dizer diante de tantos tartufos nas câmaras, salas e gabinetes, enquanto os histriões se matam em nome de símbolos e pessoas que os veem apenas como números, a mais ou a menos.

Os patos, contudo, não entendem que a fantasia pode ser trocada no camarim, e saem à rua como bufões, sem tirar o nariz vermelho e os espalhafatosos sapatos. O pior: não fazem rir. São o que se poderia

chamar "palhaços do mal", mais para o "Zangado" do que o "Feliz", dos Sete Anões.

Estou no limite! Não aguento mais a guerrilha partidária e os célebres "Ali-babás" e seus esquemas. O futuro é deles, assim como o presente e o passado. A nós, pobres mortais, resta cortar o cordão umbilical por onde, ao invés de sangue e vida, passam títica e morte. É por essas e outras que ao ouvir "papai", "mamãe" ou "mito", referindo-se aos "estadistas", sei que estou diante de um bastardo ou idólatra.

E ambos têm o que merecem, sem saber que merecem.



FAÇA

TEATRO

Curso Profissional **& NOVELA**

Prepare-se!

crianças
adolescentes
adultos

WhatsApp
(11) 98025-1010

vagas limitadas!

The advertisement features a black background with bright green and yellow text. At the top right is the logo for 'NET' with the tagline 'redes de estudos teatrais'. Below the main title, there is a photograph of five people in theatrical costumes on a stage. A green WhatsApp icon is positioned next to the contact number. A yellow diagonal banner in the bottom right corner contains the text 'vagas limitadas!'.

A falta de dentes e a falta de fé

Fábio Ribas



Acredito que, quando minha mãe faleceu, ela já não tinha boa parte dos dentes. Era prótese. Bem feita, ajustada, fixa. Trabalho de altíssima qualidade feito pelo sobrinho dela, a quem minha mãe sempre elogiava pelo seu serviço primoroso. Se Deus assim permitir, também envelhecerei assim como minha mãe envelheceu. Sinto-me cada vez mais parecido com ela, pois, desde que fiz 50 anos, já quebrei dois dentes. Quebrados em épocas diferentes, mas ambos estourados numa mesma armadilha, a saber, um pacotinho de azeitonas sem caroço, mas que, para surpresa geral, ocultava ainda caroços.

Dentes quebrados da maneira que contei ocorrem com qualquer pessoa e em qualquer idade, não é mesmo? É que ambos os casos ocorreram logo depois que fiz cinquenta anos de idade. "Seus dentes são fortes - dente amarelo é dente forte", ouvia sempre, desde criança, minha mãe, orgulhosamente, repetir essa frase dita por tantos e tantos dentistas que já me atenderam.

Quem cuidava dos nossos dentes sem dar trégua alguma era minha mãe. "Já escovou os dentes, menino?", pergunta inescapável que ela nos fazia. Pelo menos duas vezes no ano minha mãe me submetia à "escovação cavalari"! "É para limpar bem os dentes!", ela explicava. E dá-lhe bicarbonato com esfregão até o sangue sair. Aí, pergunto eu, quantos também não tiveram esse zelo em suas casas, ainda que não possamos dizer que elas estavam realmente certas nesse tratamento de choque?

Depois dos cinquenta, além dos dois dentes quebrados, quebram-me também as antigas obturações. Acho que posso entender tudo isso como indicadores de que já estou mais pra lá do que pra cá ou, como sempre me dizia a Filósofa urbana (minha mãe), "você já dobrou o

cabo da Boa Esperança". De qualquer maneira, depois que fiz 40, minha mãe fazia questão de dizer às minhas filhas: "Olha! Seu pai já deu dois tiros na macaca"! E, a cada ano que passava, ela aumentava o número dos tiros que eu dava na tal da miserável macaca.

Por eu ter terminado de reler o livro de Eclesiastes por esses dias e ter me deparado, mais uma vez, com os dois temas mais recorrentes do livro - o contentamento com a vida que se tem e a morte, que iguala a todos, ricos e pobres, sábios e tolos -, por isso, talvez, eu pareça estar tão morbidamente reflexivo. Acredito que Sócrates era quem pregava que "filosofar é preparar-se para a morte". Qual a diferença, segundo o Pregador do livro de Eclesiastes, quando a morte visita o justo e o ímpio? É que aquele tem fé e descansa em Deus, único refúgio verdadeiro diante do que nos aguarda do outro lado. Fé na Sabedoria das sabedorias, que é Jesus. Só esta Sabedoria importa diante de todas as outras.

Ainda que comecem a me faltar os dentes, não me faltará a fé, não é mesmo? Ledo engano! Nestes dias, em que já se me quebram os dentes e as obturações, devo confessar que me vi na falta de uma fé mais vigorosa também. Logo eu, que pensava ser "guia de ce-

gos, instrutor de ignorantes e mestre de crianças" (Rm 2: 17-24), vi-me surpreendido por não descansar na Graça. Ansioso e temeroso do dia de amanhã, peguei-me falhando em trazer à memória aquilo que deveria me dar esperança: "Eu quero ser o teu Deus e o Deus de tuas filhas"! Entendi que essa minha ferida exposta ocorreu para que eu pudesse ver o meu óbvio pecado e pedir perdão a Deus por esquecer que Ele está no controle de todas as coisas. Assim, devo lembrar que nenhum dente cairá da minha boca sem que seja da vontade dEle. Do mesmo modo, ver minhas filhas se aventurarem e baterem suas asinhas querendo conquistar suas próprias histórias é tão natural quanto alcançarmos uma boca banguela. Deus está nisso tudo, ensina o Pregador, e não descansar nessa verdade é nos apoiarmos sobre o vento. A minha sincera oração é que as minhas andorinhas possam procurar seus céus, enquanto, ainda que me falem os dentes, jamais me falte fé!

Nota: A boca na imagem é meramente ilustrativa, ainda não é a minha.



Fábio Ribas é pastor, missionário,
professor, poeta e escritor.
Contato: ribaseribas1@gmail.com

Temos fome, fome de Esperança

Sammis Reachers



Uma pintura do inglês George Frederic Watts, atualmente exibida na famosa Tate Gallery de Londres, apresenta uma significativa alegoria: uma mulher com os olhos vendados, sentada sobre o globo terrestre, tendo em suas mãos um alaúde. Todas as cordas do

instrumento musical estão arrebentadas, menos uma. A mulher aparenta estar atenta à música tirada desta única corda – essa corda é a Esperança.

Vivemos tempos sombrios. A desesperança, seja ela em utopias materialistas ou religiosas, campeia, alimentada pelas brasas do ódio que insiste em bradar de sarjetas a tronos, passando por (quase) todas as tribunas. No Brasil, o espectro político hiperpolarizado, com as vozes da concórdia e do sapiente "caminho do meio" sufocadas, ou pior, acusadas de mascararem "isentões", é ferramenta para as hostilidades das extremas direita e esquerda. O diagnóstico é triste e a pílula, difícil de engolir: nossa sociedade está doente. Doente da alma, ferida em seu humanismo no que ele tem de mais nobre e fraternal; doente de suas fés religiosas, com o uso distorcido de suas mensagens de paz para fins eleitoreiros, interesseiros e intolerantes. Nossa situação calamitosa de desigualdade social, que volta a crescer com o neoliberalismo covarde (perdoe a redundância, amigo leitor) do milionário (sintomático, hum?) Paulo Guedes, trabalha furiosamente para dinamitar as esperanças que nos restam e resistem.

O que vemos por aí é maniqueísmo que se chama: a

crença de que o bem puro e o mal puro se digladiam. Mas quem é o mal? O mal é o próximo, o outro, nunca eu. Nunca você. O mal é o coxinha que quer proibir os livros de Marx na escola. Ou o vermelho que quer dinamitar igrejas. Fácil, não? Mas somos humanos, e pelo entendimento bíblico, seres transidos de fios de mal e bem, acertos e erros – sim, a Bíblia e a maioria das grandes religiões mundiais nos referem como seres em processo, cuja jornada é a própria formação. Livres em nossas circunstâncias, que nos limitam em parte e em parte condicionam, mas são impotentes para aniquilar o que temos de divino. E esse toque "divino", fino fio que nos mantém de pé, frágil filamento que nos une uns aos outros, que conduz (para nós, através de nós e a partir de nós) uma certa pulsante corrente elétrica, é a Esperança.

É preciso esperar. Acreditar contra nossas diferenças, resistir contra os flagelos e os flageladores, os verdugos a serviço da exclusão e do maniqueísmo. Suas agendas não são as nossas; sua estreiteza não nos diz respeito. Martin Luther King, o grande pastor e líder civil da mais singular expressão, assevera: "Devemos aceitar a decepção finita, mas nunca perder a esperan-

ça infinita". E concluí: "Se eu ajudar uma pessoa a ter esperança, não terei vivido em vão".

Aquela única corda da alegoria de Watts, citada no início deste texto, fio solitário, é na verdade uma ponte. Sim, é uma ponte a Esperança, fio a co-ligar e conduzir o homem (indivíduo e sociedade), e cabe a cada um de nós o papel de seus arautos, de pontífices (construtores de pontes) para nosso próximo.

Sammis Reachers é escritor,
poeta e editor.
sreachers@gmail.com



KÁLAMOS

www.kalamoseditora.com.br

AS COISAS COMO ELAS SÃO

HELVÉCIO S. PEREIRA



Eu estava andando pelas ruas do centro da cidade quando vi moradores de rua acampados em tendas improvisadas de plástico e compensados, varrerem o passeio e o meio-fio ao redor de onde estão alojados. Não muito distante dali, vi quatro sujeitos dentro de um carro que devia ser caro, jogando latinhas de cerveja e pacotes de salgadinhos na via pública, sem a menor cerimônia. Claramente, não é preciso ter um QI de 180 para ver que a coisa está invertida. É bem possível que se um "sem teto", de repente, ganhasse um lugar para chamá-lo de seu, cuidaria bem desse lugar, mantendo-o limpo e respeitando o que é público, enquanto os caras do carro caro continuariam não se importando em sujar a via pública, pois sabem que humildes funcionários públicos catarão os seus restos

de prazer efêmero.

Vejo cães de rua se movendo educada e civilizadamente, sem incomodar ninguém, sem latir, sem ameaçar ninguém, enquanto humanos se portam de forma hostil, falando alto nos transportes públicos, assistindo seus vídeos nos smartphones sem fones de ouvido, usando vocabulários chulos, gírias da moda, exercitando o seu analfabetismo intelectual (neologismo meu).

Muitos se perguntam: por que Deus permite certas coisas? Já ouvi todas as respostas prováveis. Cada um escolhe a sua. Alguns acusam Deus por toda essa inversão, tecendo malabarismos teológicos e filosóficos, enquanto outros, simplesmente, aceitam, justificando que o assunto não é da nossa alçada, mas é providencial que se desenvolvam debates sérios, regados a cerveja ou bebidas mais fortes, acompanhados de churrasco, pizza ou quaisquer tira-gostos. Afinal, é ótimo para passar o tempo, quando



as fofocas, os casos de família, especialmente dos outros, podem gerar melhor entretenimento do que livros e filmes. Todos fazemos isso, os homens no carteado do bar e as mulheres nos salões de beleza, que, convenhamos, nem sempre fazem milagres (não deixe sua mulher ler essa parte, ainda mais com você gargalhando, pois certamente você dormirá no sofá ou na casinha do cachorro).]Uma anedota velha, mas sempre boa: a mulher chega toda feliz e de frente para o marido em pé, diz "fui ao salão". Esperando um sorriso, um abraço e um beijo apaixonado, ela ouve dele em voz grave, saída de um canto de boca irônico: "mas estava fechado?". O enterro dele foi ontem.

Sei que não disse nada, não dissertei sobre nada, não "teseí" sobre nada e não quis ensinar nada a ninguém. Não podemos mudar o mundo, principalmente porque o mundo não quer ser mudado, esse é o ponto mais definitivo. Se podemos mudar algo, e concordo que nem sempre é tão fácil, é a nós mesmos. Que siga o jogo!

Helvécio S. Pereira é compositor, músico, escritor, artista plástico e professor.
helveciop1@gmail.com



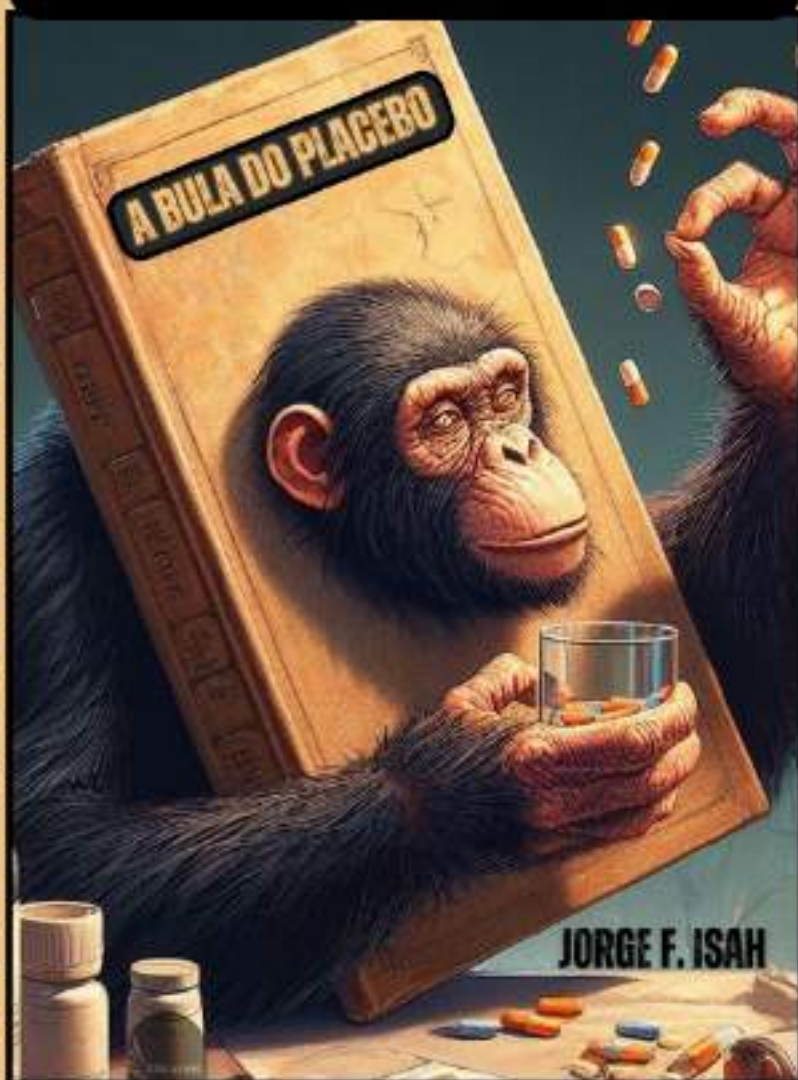
BULUNGA NEWS

O futuro nunca esteve tão presente!

EXTRA! EXTRA!

Em um mundo sem esperança, "A Bula do Placebo" surge como o remédio a lembrá-lo se tudo não está ainda perdido, é questão de tempo. Ao tratar os grandes dilemas humanos, suas manias, pruridos e flatulências, você se sentirá revigorado. Porque, afinal de contas, o que não tem solução, solucionado está!

Junte-se a nós e resista aos glúteos e peitoris sarados, aos bate-estacas e carros de som, funks, os "Ali babás" e seu zilhões de larâpios, enquanto o "tico e teco" caem dopados e em frenesi. E talvez, você seja cancelado, difamado, preso, e se veja cercado, à esquerda e direita de palpiteiros e salvadores-da-pátria. Entretanto, garantimos "A Bula do Placebo" como a solução imediata para o que não tem solução.



GARANTA O SEU EXEMPLAR!
NA AMAZON OU KALAMOS.COM.BR

O mundo precisa de encarnação

Leonardo Bruno Galdino



- Kevin Doyle como Mr. Molesley, no seriado "Downton Abbey", de Julien Fellowes.

Todas as terças, ele joga futebol com os jovens da igreja. Numa dessas ocasiões, foi abordado por um deles, que lhe disse: "Eu o sigo no Twitter, presbítero. E eu não sabia que, além de escrever, o senhor também sabia jogar bola". Com sua modéstia habitual, pediu para que o jovem deixasse disso e continuaram o jogo. Mas estaria mentindo se dissesse que não ficou feliz com o comentário.

Semana passada, outro irmão, que também frequenta o futebol, perguntou-lhe por que "o pessoal da educação clássica é triste". Ficou sem entender. Como assim "o pessoal da educação clássica é triste"? Açou que queria fazê-lo provar do próprio veneno, pegando-o num trocadilho. Mas o outro disse que falava sério mesmo, pois, analisando uns vídeos do "pessoal que fala em educação clássica", chegou a essa conclusão: são pessoas tristes. O presbítero quis saber o motivo. O irmão respondeu: "Veja você, por exemplo. Você escreve bem, tem ideias legais, é versado em cultura geral, mas é da galera, joga bola com a gente, ri, se diverte, não tá nem aí".



Então o presbítero lembrou do Sr. Molesley, o "criado intelectual" que virou professor no condado de Downton Abbey.

Em seu primeiro dia de aula, o Sr. Molesley estava lá, empertigado como todo idealista, falando de abstrações e mais abstrações, e os alunos nem aí – bagunçando, fazendo aviõozinhos de papel, conspirando talvez um ataque contra ele. Nada poderia ser mais frustrante para um professor novato.

Arrasado e triste, ele foi para casa e pensou na melhor estratégia para ganhar os alunos. Foi quando entendeu que precisava descer do pedestal, que precisava parecer-se com gente de carne e osso. No dia seguinte, sentou-se no birô e começou a contar a história do criado que virou professor, e cativou para sempre o coração de todos.

O mundo precisa de encarnação.

Leonardo Bruno Galdino - veja o perfil em
<http://www.youtube.com/user/LBGaldino>



Os injustos, o Justo

Luiz Libório Alves da Silva

Um grande risco para a própria honestidade é este: crer-se bom só porque outra pessoa é ruim.

Vejam: um homem fumava debaixo da marquise, bafejando os traços sinuosos de fumaça no rosto dos passantes, enquanto outro homem, bêbado, cambaleava por ali, trombando nas mesmas pessoas da calçada. Era meio-dia. Os dois homens eram odiados pelos que passavam, julgados, mas dentro de seus corações eles pensavam mal apenas um do outro. "É melhor fumar do que ser esse bêbado que tromba em todo mundo", o fumante meditou. "É melhor beber do que poluir o ar como esse idiota", o bêbado refletiu. E as pessoas que por eles passavam, pensando o pior dos dois, ao tentar desviar de ambos trombavam em mais alguns, que também internamente xingavam a eles e trombavam em outros, etc, etc, etc.

Um grande risco para o próprio caminho é este: crer-se no caminho certo só porque outra pessoa está no

caminho errado.

Vejam: há quem xingue e pense "pelo menos não bato". Há quem bata e pense "pelo menos não xingo". E há quem vendo estas duas pessoas pense que age com justiça, apenas porque não xinga nem bate, ou pelo menos porque só faça isso em seu próprio coração. Quem mata, está errado. Mas quem pensa em matar, como ousa dizer que tem as mãos mais limpas do que as mãos do assassino?

"Ouvistes que foi dito aos antigos: 'Não matarás; mas quem assassinar estará sujeito a juízo'. Eu, porém, vos digo que qualquer que se irar contra seu irmão estará sujeito a juízo", disse o Justo.

E, como sempre, a sabedoria está em Sua voz.

Eu me ofendia com as feministas, quando elas diziam que os homens (no sentido de gênero masculino) são estupradores em potencial. Hoje não me ofendo, e ainda completo: tudo o que os homens (no sentido de espécie humana) são de ruim, eu também sou, em potencial ou na prática. "Pode um ser mortal ser perfeitamente justo diante de Deus?" - eu não posso.

Compreender que em todos os povos, em todas as

nações, todos os indivíduos têm consciência de uma lei maior do que eles próprios, e que fracassaram ao tentar cumprir essa lei, constitui o início da real liberdade. O próximo passo é confiar que Jesus, o supracitado Justo, foi quem cumpriu integralmente esta lei, sendo assassinado em nome dos injustos que creem nele, justificando-os.

Porque se apenas o Justo pode jogar a primeira pedra contra quem erra, e a primeira pedra não foi jogada, quem mais ousará apedrejar quem quer que seja?

"Quando Jesus se ergueu, não vendo a ninguém mais, além da mulher, disse a ela: 'Mulher, onde estão aqueles teus acusadores? Ninguém te condenou?' Disse ela: 'Ninguém, Senhor.' E assim lhe disse Jesus: 'Nem Eu te condeno; podes ir e não peques mais.'"

Amém!



Luiz Libório Alves da Silva é escritor,
poeta e tech writer.
luizliborioalves@hotmail.com

UM CONTO (NADA) FANTASIOSO

Roberto Vargas Jr.

Introdução

Em Nárnia, mundo mágico criado por C.S. Lewis, os animais são inteligentes e falam. Vários outros seres fantásticos vivem naquele mundo. Ou viviam, porque Nárnia já passou seu "fim dos tempos", que na verdade é apenas a primeira página de um livro sem fim! Peço licença a Jack para usar as imagens narnianas para um breve conto. Ele não faz justiça aos originais nem de longe, mas acredito que Jack não o reprovaria de todo:

O Conto

Nos últimos tempos de Nárnia, uma época de grande apostasia, vivia um Pavão. Uma ave muito astuta, considerada muito sábia entre os seus. Nesta mesma

época, bem perto de onde vivia o Pavão, vivia também um Cordeiro. O Cordeiro, muito novo ainda, era um legítimo seguidor de Aslam.

Numa bela manhã de Nárnia, ambos resolvem passear pelo campo. Encontraram-se assim e iniciaram um diálogo.

- Bom dia, senhor Pavão – disse o Cordeiro.

- Bom dia, Cordeiro – respondeu o Pavão.

- Bela manhã, não?

- Sim, muito bela.

- Graças a Aslam por ela!

- Oh, não a estrague com esta lorota a respeito de Aslam!

- Por que estragaria se a manhã é obra dele?

- Porque Aslam simplesmente não existe. Nem ele, nem as crenças que o envolvem, nem todas estas histórias a respeito dele. Ninguém que seja intelectualmente honesto pode crer nestas bobagens.

- Ora, e em que alguém que seja intelectualmente honesto pode crer?

- Apenas naquilo que for passível de justificação por argumentos válidos!

- Ah, sim. Agora vejo! Mas deixe-me entender melhor.

Conversamos sempre de acordo com as regras da lógica, não?

- Sim, claro! Sem as regras da lógica, não podemos argumentar!

- Claro, queria apenas saber se concordamos a respeito disso. Também estamos conversando agora, não estamos?

- Que pergunta! Claro que estamos.

- Oh, não se zangue comigo. Preciso entender bem as coisas. Deixe-me fazer mais algumas perguntas e então poderei dizer se realmente entendo o que você me diz.

- Tudo bem, vá em frente.

- Sei que você gosta muito de ler livros, principalmente aqueles que falam sobre os assuntos muito difíceis que a razão procura entender, não é verdade isso?

- Sim, eu considero a razão a autoridade máxima sobre o pensamento, a juíza sobre todas as coisas. Por isso é que só aceito como racional aquilo que pode ser provado por argumentos válidos.

- Entendo. Mas me diga, você precisa mesmo de argumentos para saber que os livros que você lê são

escritos por quem dizem ser?

- Ora, por que precisaria? É óbvio que foram. Assim diz a história.

- Mas isso não é argumento. É um testemunho, quero dizer, é uma observação direta de alguém e sobre a qual você tem confiança. Da mesma forma que você não argumenta para saber que está conversando comigo. Você simplesmente me observa, fala comigo e crê que estamos conversando. Você se considera irracional por isso?

- Claro que não, mas isso é completamente diferente...

- Desculpe-me interrompê-lo, mas não é diferente. Você não disse que sem as regras da lógica não podemos argumentar? Então deve aceitar as consequências lógicas do que afirma.

- Sim, mas...

- Desculpe-me interrompê-lo de novo, mas deixe-me terminar meu raciocínio... as próprias regras da lógica são autoevidentes e, portanto, não são passíveis de argumentação. Se você crê que racional é apenas o que pode ser justificado por argumentos válidos e, ao mesmo tempo, também crê que é racional a lógica e aquilo que crê por observação direta ou por testemu-

nho, então ou você é, por seu próprio critério, intelectualmente desonesto ou irracional...

- Não precisa me xingar!

- Não estou xingando, estou apenas seguindo seu próprio raciocínio. Além do mais, foi você que me chamou de irracional primeiro ao dizer que minhas crenças o são. De qualquer forma, ou se conclui isso ou sua noção de justificação apenas por argumentos válidos é falsa.

- Pois não me convenceu com esse papinho todo. Suas crenças são mera fantasia.

- Pode ser, mas não pelos seus critérios. Segundo eles, como eu disse, ou você também crê em fantasias ou seu critério está errado. Qualquer que seja o caso, que autoridade você tem para criticar minhas crenças?

- E o que entende você, seu cordeirinho? Tenho toda uma instrução que você não tem. Sei muito mais do que você sonha em aprender! Aponte-me textos que comprovem o que você diz!

- Muito bem, senhor Pavão, eu admito minha ignorância sobre muitos assuntos que você, provavelmente, domina. Mas textos não têm a ver com a argumentação que você mesmo exigiu para

provar a racionalidade de algo. Entendo que esta mudança de atitude não nos levará a lugar algum. Eu, pelo menos, estou lhe dando a oportunidade de reconhecer o erro de seu critério.

- Se você não é capaz de apresentar textos, então não tenho qualquer desejo em sua companhia.

- Tudo bem, se argumentos não são suficientes, textos serão de pouca ajuda mesmo que eu os apresente. Despedimo-nos aqui então. Tenha uma boa vida, a melhor que lhe apetecer!

E foi assim, então, que o Pavão se pavoneou e se retirou todo empertigado em sua pretensão de superior conhecimento. Se, a partir daí, ignorou ou procurou agredir ou desqualificar o Cordeiro não se sabe, pois ninguém que conheço lhe deu mais atenção.

O Cordeiro, por outro lado, continuou procurando conhecer e entender as coisas. O melhor que sua falha razão poderia fazer, mas sem deixar de buscar o auxílio da Sabedoria! Ele não estava entre aqueles que lutaram a Última Batalha, pois vivera num período pouco anterior. Mas estava entre aqueles ao lado direito do Rei no dia de Aslam!

Conclusão

Neste nosso mundo também existem pavões falantes, embora em peles de animais racionais. Homens, é claro! Eles nem de longe são tão infantis quanto este de Nárnia, mas nem por isso deixam de cair nos mesmos erros. Um deles travou diálogo semelhante comigo. A este tenho apenas a dizer, num último comentário antes de nos despedirmos definitivamente, que não entrarei mais em quaisquer razões com ele, pois já sei de que tipo elas são. Estas são minhas últimas palavras a este respeito. O fato é que a arrogância de tais homens não vale minha educação para com eles!

Porém, quanto ao que realmente me interessa, ainda aqui nas "Terras Sombrias", aguardo o dia em que ouvirei: "Acabaram-se as aulas: chegaram as férias! Acabou-se o sonho: rompeu a manhã"!

Soli Deo Glória!

Roberto Vargas Jr. é brasileiro nômade, cristão reformado, casado e pai de três pródigos, não-escritor que escreve, pecador sob abundante graça. Autor do livro "RVJ, reminiscências de um blog". Escreve em <https://link.medium.com/GtnaWNh8yX>



IMPRESSÃO

Natan de Oliveira

...

Por dias...
Tenho a impressão...
De que tu estás distante.

Então me aquieto...
Procuro no íntimo do coração...
Se tu ainda estás lá.

Então lembro que fé...
Não é sentir...
Não é arrepiar.

Fé é certeza...
Certeza das coisas que não se veem...
Então te "vejo".

Estás lá...
Habitando em mim...
Pois tenho certeza!

A certeza não me deixou...
Estás presente...
Sou teu Templo...

Templo do Pai...
Templo do Filho...
Templo do Espírito Santo.

Natan de Oliveira é um escriba cristão, casado, pai de dois filhos, cuidador de dois cães cocker spaniel, mora em Joinville/SC e tem como hobby brincar no seu Fusca amarelo colonial 1971.
natandeoliveira@yahoo.com.br



Culinária Saudável
Cambuí - Campinas - SP

LANÇAMENTO



Inteligência artificial, tempo herdado e trabalho

breve ensaio sobre uma angústia

Luiz Guilherme Libório Alves da Silva

À venda na amazon

ENCONTRO DE FAMÍLIA

Geraldo Hera

A gente, quando vai amadurecendo, a idade nos conduzindo ao grande final do espetáculo que foi a nossa vida, é obrigado a conviver com as despedidas.

Estive em mais de um momento desses, que se torna uma reunião de familiares e amigos do desinfeliz. Amigos que não se viam há anos, parentes apresentando os filhos para os tios, primos que não se conheciam, as luzes amarelas iluminado o morto, as coroas com os dizeres "... combati o bom combate ...".

Esse momento, triste e doloroso, vira palco para nos mostrar o quanto somos distantes de nossos familiares, nossos irmãos, nossos sobrinhos, tios, tias...

E ecoam as falas pelo salão: "essa é aquela menina franzina de quatro anos?", ou "te vi nascer: como está uma bitela!", ou "onde está morando", ou "José casou e já tem dois netos", e por aí vai.

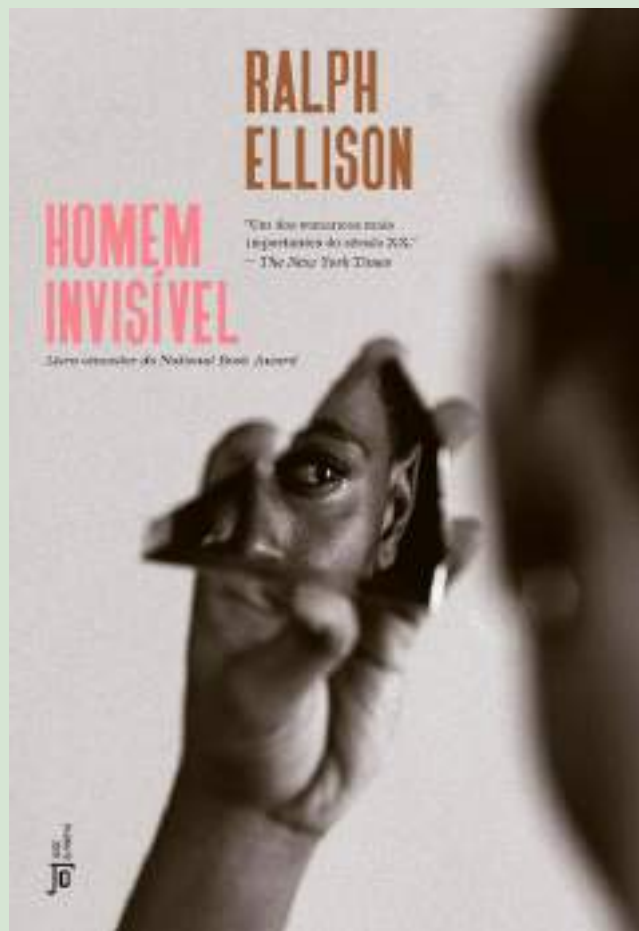
E, dessa forma, passam as horas, até a oração final. Até o derradeiro adeus. Prometemos visitar os parentes, nos aproximarmos, marcar almoços e confraternizações. São promessas que não serão cumpridas. Nossas vidas tornam a ganhar rumos diferentes, vidas corridas e apressadas, sempre atrás de alguma coisa, algum valor, alguma conquista, algum sonho.

E então iremos em outros encontros, tristes e dolorosos, faremos mais promessas, choraremos o tempo perdido, até o dia em que seremos o motivo dessa reunião fúnebre. Aí não importa mais o que escreverem em sua lápide, mas como escreveu a sua história.

Geraldo Hera, escritor, professor de inglês e português, poeta e letrista.

jherarezende@gmail.com





HOMEM INVISÍVEL — RALPH ELLISON

Jorge F. Isah

Esse é o que se poderia dizer um daqueles livros que caiu no meu colo, sem indicação, sem ouvir falar, ou ter referência. Em minhas constantes buscas por títulos, e por descontos (ninguém é de ferro!), na última Prime Day deparei-me com ele e, à primeira vista, me remeteu à ficção científica de Wells. Mas não era. Escrito por um tal Ralph Ellison, cujo nome não me dizia nada. Li a sinopse e me interessei pela história, já com receio de ser um daqueles livros lançados como "antirracistas" (a encher as livrarias), e que são apenas panfletários e libelos muito mal escritos.

Estava às voltas com outros volumes, e reservei-o para a semana seguinte, furando, mais uma vez, a longa fila que se arrasta. Não falo de design de capas, porque o assunto é sempre o texto, história e narrativa, mas achei a da José Olympio artisticamente bela e sugestiva. O designer conseguiu captar a essência do livro e, quase, porque não deixa de ser uma falácia, pôde garantir: "uma imagem vale mais do que mil palavras".

Dias depois, comecei a lê-lo. Já no início, me vi capturado pela introdução; o final do 1º parágrafo diz:

"Levei muito tempo para constatar, e com doloroso efeito rebote de expectativas, aquilo que todo mundo parece saber desde o nascimento: que não sou nada além de mim mesmo. Primeiro, porém, eu tive de descobrir que era um homem invisível".

A ideia da busca pela identidade e um lugar no mundo parecem óbvias, e vai se confirmando no progresso da leitura. Contudo, vai além.

Pode-se ver que, decorridos 20 anos desde o início da trajetória do personagem (o narrador está na casa dos 40), outros elementos se agregaram.

Negro, nascido em meio ao racismo americano, filho de pobres, e uma ligação intensa com o avô falecido, que

parece uma espécie de voz interior; ele vai para a faculdade de negros onde experimenta na própria pele o jogo de poder, e, nesse campo, não existe cor, mas apenas o rigoroso código sem o qual é impossível progredir social e intelectualmente. O reitor e o conselho, ocupados por negros, pareciam cumprir à risca as últimas palavras do avô, no leito de morte:

"Filho, depois de eu partir, quero que continue nesta luta. Nunca lhe contei, mas nossa vida é uma guerra, e tenho sido um traidor desde que nasci, um espião no território inimigo, desde que deixei minha arma, na época da Reconstrução. Viva com a cabeça na boca do leão. Quero que você os derrote de tanto dizer sim, que os solape com sorrisos escancarados, concorde com eles até a morte e a destruição, deixe-os engolirem você até vomitarem ou explodirem" (pg. 50).

Parece o delírio de um velho moribundo, mas, depois de andar algumas páginas, refleti que, no final das contas, o que o ancião queria dizer era: "Não ligue para o que pensam de você, engane-os, iluda-os, mas saiba no íntimo quem você é!". O narrador estava convicto de já ser assim:

"Na cidade, eu era elogiado pelos homens mais brancos

do que lírios. Era considerado um exemplo de conduta desejável, exatamente como meu avô fora" (pg. 51).

A morte do velho causou-lhe um impacto profundo, porém, mais do que ela, as suas últimas palavras "causaram tanta ansiedade que foi como se ele não tivesse morrido" (pg. 51).

Em meio às dúvidas, havia a certeza de não se deixar vencer tão facilmente.

Em uma sequência desastrosa, ao ciceronear o principal filantropo da instituição, Sr. Norton (branco), se vê expulso pelo reitor, dr. Bledsoe (negro), preocupado em resguardar a sua posição e confirmar, diante de negros e brancos, a sua capacidade diretiva. Com isso, parte para Nova York com várias cartas assinadas pelo reitor e endereçadas a contatos, onde o jovem proscrito será apresentado como candidato a alguma vaga. Na verdade, todo o arranjo do reitor é uma farsa, e somente depois de perambular por salas de espera, secretárias impessoais e respostas mecânicas, à espera de resultado, descobre que fora enganado. Veio-lhe então a imagem quase onipresente da estátua de bronze do fundador da faculdade, "o símbolo de um Pai frio, as mãos esticadas no espantoso gesto de levantar

um véu que tremula em rígidas dobras metálicas acima do rosto de um escravo ajoelhado; e me vejo desorientado, incapaz de decidir se o véu está realmente sendo levantado ou abaixado mais firmemente para o lugar onde se achava, se presencio uma revelação ou uma cegueira mais eficiente." (pg. 73).

A saga errática do nosso herói continua em situações bizarras, engraçadas e absurdas. Contra elas, por mais que tente reagir, é sempre capturado, subjugado; mas o orgulho e o ardor ingênuo encarregaram-se de ocultar ou, ao menos, não deixar evidente o descontrole que tinha sobre a própria vida. Estivesse incógnito ou evidente, ele era uma peça de uma engrenagem gigante, cuja função, ação e propósito desconhecia e, nem mesmo o tempo foi capaz de elucidar. O sistema dava a cada um ares de importância, enquanto os mantinham em cabrestos; e por mais que se grite, mova e queira vislumbrar o panorama, consegue-se ver tão somente o que as viseiras permitem, os arreios indiquem, e o chicote não reprima.

No fundo, toda essa movimentação social na busca do Éden, ou da Babel, é fruto da cegueira e arrogância.

Ninguém pode salvar quem não se considera perdido ou

condenado; resta que, primeiro, o faça a si mesmo. De alguma forma, a busca do protagonista é essa: ao descobrir o seu lugar no mundo, constata que não é definitivo, e antes mesmo de ocupá-lo, já preparam o seu substituto. A chama de vida é possível, e ele a encontra na pessoa da velha Mary mas, seduzido pela notoriedade e a promessa de mais disso e daquilo, abandona-a, e o que poderia ser uma fogueira acolhedora e aprazível se apaga em quase um piscar de olhos... A ilusão está por toda parte, e quase sempre o que os olhos veem o coração não sente ou compreende. A verdade é que o mundo, tal qual o conhecemos, é por demais inóspito se estivermos a olhar apenas o que podemos e queremos. Assim, não é difícil ser amealhado e enganado por ideologias, falsos ídolos, apóstatas e messias de araque, que engabelam com a promessa doidivana de um paraíso na terra, ao alcance das mãos, mesmo sem ninguém o ter alcançado.

Num pulo, se vê envolvido em uma teia, aliciado por um grupo de ideólogos, a "Irmandade", cujos objetivos não têm nada a ver com a aparente causa negra, mas se utiliza dela para alcançá-los. Jack passa a ser o seu mentor e com ele tem acesso a tudo o que é mais apete-

cível à alma: imoralidade, aética, conforto e algum poder. Antes é preciso transformá-lo à imagem do movimento, e até mesmo um codinome (um pseudônimo) o obriga a rejeitar o próprio nome, a abandonar e não ter contato com a família, amigos e nada que o remeta ao passado; resta apenas o futuro e o presente a construí-lo. Em busca da identidade, precisa negar a personalidade. Na construção do novo homem, o antigo deve ser destruído. Não há lugar para sentimentos, arrependimento ou hesitação. A Irmandade precede o indivíduo; e ele não pode sobreviver, para que ela não morra. Enquanto houver resquícios do velho homem, não se pode construir o novo e forjar uma nova identidade. Ela é coletiva, e o nosso homem "pré-invisível" está disposto ao sacrifício, a fim de trabalhar pela causa do seu povo. Com o tempo, nota no irmão Jack (o líder do movimento) os mesmos sintomas que tornam Bledsoe um homem temido. Se a Irmandade é um grupo de racionais-materialistas, os inimigos mais ferrenhos, Ras e seu clã, são anarquistas. Em ambos, é perceptível o desprezo a qualquer valor minimamente humano; nada além do poder, e estamos conversados.

Existem momentos, mais do que o normal, em que ele se faz de pobre-coitado, e começa um chororô repetitivo e monótono. Não é algo que comprometa a história, mas que poderia ter menos visibilidade. Contudo, entendo a intenção, como um primeiro estágio do homem impotente e infantil diante da loucura ou injustiça do mundo; mas são notas que o excesso faz destoar.

Em suas quase 600 páginas, Ellison narra as desventuras e frustrações do nosso herói, ou anti-herói se preferir, até o ponto em que, em mais um descuido, se viu lançado na mais plena escuridão, e dela não quis mais sair. Quem se importa com um homem invisível? Mas, do seu bunker, ele ouve e sabe o que se passa com outros tantos homens como ele, que, se pudessem escolher, não o seguiriam em sua jornada, afinal, não se segue a quem não se enxerga.

A conclusão final de Ralph Ellison, a última frase, nos conclama à reflexão: "Quem sabe se, nas frequências mais baixas, eu falo também por você?".

Pretensioso?!... Esta é, contudo, a vantagem de ser invisível.

Novo Livro de Sammis Reachers



Disponível na Amazon

papo **CRISTÃO**

por Michel Salomão

"O Senhor é o meu Pastor e nada me faltará" é o que diz o Salmo 23, preferido por aqueles que promovem a "Teologia da Prosperidade", pois entendem que é só ter fé em Deus para não passar por dificuldades na vida. Mas a coisa pode não ser tão moleza assim: de acordo com os fiéis tradutores do hebraico, o sentido correto seria "Yahweh é meu pastor, não faltarei", ou seja, "serei fiel, pois Deus é meu pastor".

Há também os que traduzem de uma forma intermediária, afirmando que "O Senhor é meu pastor, e (Ele) não me faltará", ou seja, Deus não me abandonará, mas isso não significa que o cristão ganhará um poderoso escudo protetor, e se algo de ruim acontecer, Ele estará lá para amparar o que nele crê, e é o que acontece em situações extremas, como em um grave acidente de carro, em uma queda de avião ou em uma doença rara, em que o cristão se salva de forma milagrosa. Reflita sobre isso.



coluna do nelson **TRAMONTINA**



corte rápido

Nelson é nosso correspondente internacional em Tuvalu e, mesmo estando longe, consegue fazer seus "cortes rápidos", respondendo às perguntas dos leitores com comentários secos acerca dos costumes da sociedade e da situação do país em que viveu a maior parte de sua longa vida, até se tornar um respeitável e ranzinza aposentado e comentarista do tempo. E quase sempre acerta, quando palpita que vai chover.

Nelson, houve um rumor de que determinado Banco estava para receber uma multa pesada e que poderia "quebrar", e aí todo mundo, inclusive eu, correu para tirar o dinheiro de lá, mas agora não sei o que faço com esse monte de notas de cem que estão em uma sacola, no fundo do armário.

Nelson – Em situações de crise, tanto faz você manter dinheiro no banco ou debaixo do colchão. Aconselho a você comprar uma lata de cola e usar todas essas cédulas como papel de parede, pois em breve nem isso poderá fazer.

Já não sou mais jovem e não tenho esse "ânimo" da rapaziada, se é que me entende, mas tenho medo de tomar esses remédios azuizinhos que vendem nas farmácias. Será que devo correr o risco?

Nelson – Avaliando essa sua carcaça, pela foto que me enviou, vejo que está bastante judiado, e assim fica a pergunta: você vai querer usar esse remedinho só para se olhar no espelho ou tem alguma vítima para compartilhar o seu "instrumento"? Se for o caso, talvez valha mais a pena usar um photoshop.

Nelson, sempre tive o sonho de colocar próteses de silicone, para poder usar sutiãs GG, usando vestidos com grandes decotes, bem coloridos.

Nelson - Só acho que antes você precisaria resolver essa questão da barba e do pirulito que ainda guarda no meio das pernas, senão vai ficar muito esquisito.

Estou pensando em comprar um carro novo, mas tenho pesquisado e pude verificar que a maioria dos veículos Okm já estão saindo de fábrica cheios de defeitos, obrigando os clientes a entrarem com ações na justiça, que quase sempre são uma perda de tempo. Não sei o que faço.

Nelson - Eu jamais o aconselharia a utilizar o transporte público, pois na quase totalidade das cidades brasileiras é caro e ineficiente. Também não diria para usar Uber ou táxi, pois vai passar muita raiva. Pense na hipótese de comprar uma boa bicicleta, mas pesquise bem antes, pois muitas delas estão saindo de fábrica cheias de defeitos, obrigando os clientes a entrarem com ações na justiça, que quase sempre são uma perda de tempo.